



## Editorial

Ao disponibilizar mais um número do periódico Saude.com, que apresenta o compromisso social com a produção científica na área de saúde e áreas afim, nada mais apropriado do que reportar à mudança na concepção de “conhecimento” ao longo da história.

Desde os gregos até os nossos dias, a ciência vem sofrendo grande transformação. O ideal clássico de ciência dos gregos era compreender a unidade dos fenômenos, ou seja, o mundo não aparece caoticamente, é como se cada ocorrência perceptiva anunciasse uma unidade a que ela pertenceria. Caberia à ciência captar essa unidade. Esta concepção de que conhecer tinha a ver com uma comunidade entre o corpo e o mundo, e essa comunidade só seria possível através dos sentidos, conservou-se até o Renascimento, final do século XVI.

Com a instalação da racionalidade moderna a partir do século XVII, já não se sustentava mais a tradição grega, a idéia de que conhecer é atualizar algo no corpo a partir dos sentidos, pois, com o desenvolvimento das ciências da natureza, a exemplo da Física e da Matemática, surgiram vários instrumentos de observação, e, em função disso, houve uma relativização da percepção sensível, aquelas impressões atualizadas no corpo por meio dos sentidos passaram a ser apanhadas por intermédio de instrumentos de geometria analítica.

Desse contexto, emergiram duas tradições distintas em relação ao conhecimento que ainda fazem-se presentes nos dias atuais: a tradição objetivista e a tradição subjetivista. A primeira originou-se com Galileu, para quem conhecer significava representar a natureza, ou seja, acreditava-se que havia um real e que este poderia ser apreendido por meio dos instrumentos matemáticos. A segunda tradição surgiu com René Descartes, quando observou uma contradição nas ciências objetivas, pois, se conhecer é representar o real, pressupõe-se que haja um real fora da representação. Descartes, então, não hesitou quanto à existência de um real que pode ser

representado, porém, se preocupou em investigar o que é o representar e, nesse sentido, Descartes é um subjetivista, para ele, mais importante do que representar a natureza, é investigar o processo de representação ou conhecimento. Ambas as posições resultam na crença de que o conhecimento tem um lócus definido, ele está ou no sujeito psicofísico, subjetivismo psicologista, ou está nos objetos da natureza, nas coisas em si e na tecnologia.

No final do século XIX, o modelo clássico de ciência entra em crise, pois, com a emergência das especializações, a busca do conhecimento das partes sobrepunha a noção de todo. Para Husserl, isso representava uma traição da perspectiva com a qual a ciência nasceu no universo, que é, exatamente, não a busca da especialização, mas a busca da unidade. E, neste contexto, nasceu a fenomenologia com duas perspectivas fundamentais: primeiro, como uma tentativa de resgatar o ideal clássico de ciência que se havia perdido, isto é, a unidade daquilo que se dá a conhecer como fenômeno, que são os entes. A questão básica era: se a ciência trata do saber, então, o que é este saber? A abordagem fenomenológica envolve a compreensão de que o saber corresponde àquilo que se diz do ente, ou seja, o ser do ente. A segunda perspectiva visava a restabelecer a Filosofia como modelo de ciência rigorosa a partir da investigação da consciência como núcleo da unidade do discurso científico e da unidade da existência.

A fenomenologia surgiu como uma alternativa que ultrapassa o dualismo, objetivo versus subjetivo, ela introduz uma nova perspectiva sobre a construção do conhecimento, ou seja, a noção de que o conhecimento ocorre a partir da intersubjetividade. Portanto, o saber não se constitui de forma solipsa como crêem os subjetivistas, mas a partir da interação com o outro, ou seja, na relação com o outro o cientista se identifica e se diferencia, constituindo uma unidade que não é exclusivamente sua, mas, também, do outro e do mundo.

**Dra. Edite Lago da Silva Sena**

Professora do Curso de Graduação em Enfermagem – Departamento de Saúde, UESB – Jequié/BA. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento - GREPE/CNPq.